

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

No próximo dia 19, Paulo Freire completaria 85 anos. Em 2 de maio de 1997 ele “nos deixou e foi ser professor em outros mundos” (Carlos Brandão).

Este boletim é uma forma de celebração. Ele está presente em todas as páginas.

Em “Para refletir”, fragmentos do último livro que escreveu.

Sua vida, sua obra, seu jeito de ser, inspiram atividades propostas em “A sala de aula em movimento” (por certo, um título com significado bem a seu gosto).

De igual forma, “Enriquecendo a ação” sugere fontes a ele dedicadas.

E, nesta primeira página, em destaque, mais uma fala, ou melhor, uma palavração. São versos que expressam seu compromisso, registrado em sua própria letra. Assinado.

Este boletim representa, então, uma homenagem a quem declarou que “gostaria de morrer deixando uma mensagem de luta”. E conseguiu. Por isto está vivo em cada professor e em cada professora que dedica seu trabalho à educação para tod@s, compartilhando o mesmo desejo de um país mais justo, fraterno, ético e feliz.

Sendo assim - e corrigindo o começo: parabéns Paulo Freire pelos seus 85 anos. Receba nosso abraço fraterno. E flores (de que você tanto gosta) de presente porque, afinal, é novamente primavera.

A equipe

Participe

Seja co-autor/a do boletim de novembro/dezembro, dedicado às atividades das escolas parceiras. Para tanto seu trabalho deverá chegar à Novamerica até 03 de outubro (por e-mail) ou até 26 de setembro (por fax ou correio). Descreva-o, em cerca de 10 linhas, conforme orientação já fornecida.

Datas Significativas **SETEMBRO**

07 Dia da Independência do Brasil
Data para lembrar que independência se constrói verdadeiramente hoje, amanhã, depois, e depois... Exercício cotidiano para o alcance do país que desejamos, fundado na cultura do DDHH.

16 Dia Internacional da Paz

22 Dia Nacional da Juventude

23 Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças

10 Dia da Imprensa

*Nosso discurso de libertação não é medicina para doença passageira. (...)
Nosso discurso diferente, - nossa palavração - tem de ser um discurso permanente.*
Paulo Freire

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (*Ensinar exige rigorosidade metódica*, p. 26)

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. (...) Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador (*Ensinar exige estética e ética*, p. 32-3)

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como se realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos...

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. (*Ensinar exige bom senso*, p. 65-6)

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. (*Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores*, p. 66-7)

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas, preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir

aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança (...) uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por “n” razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza.

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (*Ensinar exige alegria e esperança*, p. 72-3)

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade “domesticada” posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real, o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade...

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Neste sentido o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. (*Ensinar exige curiosidade*, p. 85-6)

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência.

O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autenticamente o caráter formador do espaço pedagógico.

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, (...) é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. (*Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade*, p. 91-2, 94)

¹ Extraídos de Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 27ª edição). Último livro, cujo prólogo (“Primeira palavras”) foi por ele escrito em setembro de 1996.

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

Editora
Susana Sacavino

Equipe Responsável
Vera Maria Candau
Laura Cristina Campello do A. Mello
Iliana Aida Paulo
Marilena Varejão Guersola

Supervisão Editorial
Adelia Maria Koff

Fotos lema do ano:
João Ripper

Composição Gráfica
Companhia Visual Manteca

Apoio
fundación santa maría

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE NÃO É PRIVILÉGIO! É DIREITO DE TOD@S.